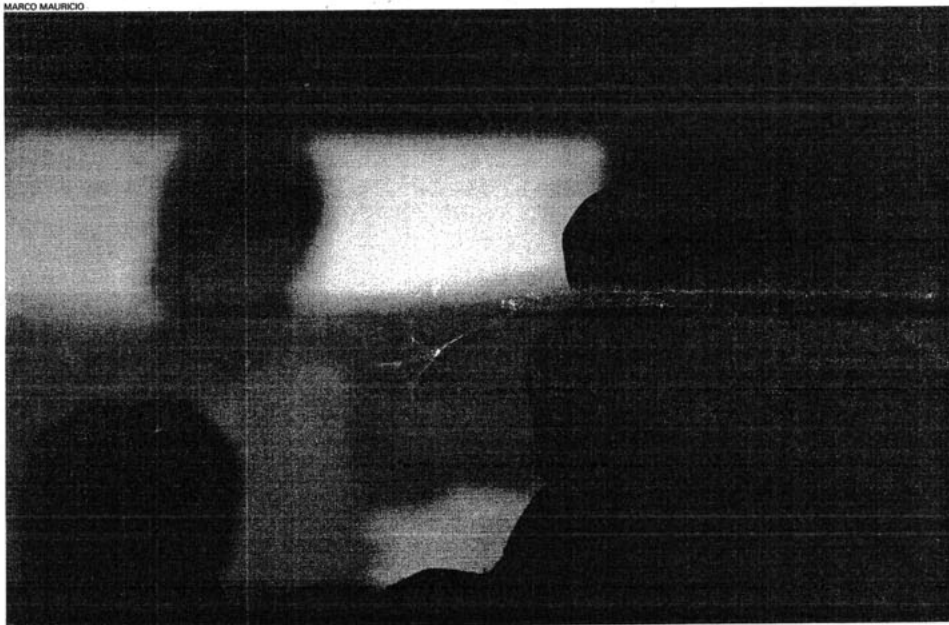


doclisboa 2005

III Festival Internacional de Cinema Documental

MARCO MAURICIO



Quase 14 mil pessoas foram aos nove dias do festival internacional de documentário do ano passado

DocLisboa quer consolidar êxito com novas secções e prémios

COMEÇA EM OUTUBRO

Depardon e McElwee em Lisboa; *Nacionalismo, Indentidades e Fronteiras* é um tema e o documentário russo pós-soviético uma geografia

VASCO CÂMARA

O objectivo só podia ser este: continuar a fazer da Culturgest, em Lisboa, "a maior sala de cinema do país". Depois da edição de 2004 do DocLisboa — festival internacional de cinema documental —, que teve 13.500 espectadores em 9 dias, 2005 quer consolidar o feito.

Vai ser entre 15 e 23 de Outubro, e mesmo se a programação ainda não está fechada — Ana Isabel Strindberg, Sérgio Tréfaut e Nuno Sena continuam a ver filmes e o prazo para as inscrições de títulos é até Julho —, foi apresentada ontem a estrutura desta edição. Prolonga-se a do ano passado, com novas secções e prémios.

Uma das novidades é um espaço fixo para a retrospectiva da obra

de um cineasta (no ano passado foi Nicholas Philibert, a sua *master-class* e uma mostra de filmes). A estreia far-se-á com a obra de Ross McElwee, documentarista americano que trabalha desde os anos 70, mas que só o ano passado foi descoberto em Portugal, com *Bright Leaves*, um dos acontecimentos da última edição. McElwee virá a Lisboa (ver caixa) apresentar as suas longas-metragens e uma selecção de curtas e estará num debate sobre a sua obra.

Nova é também uma secção competitiva, Investigações, que se junta ao concurso de longas e curtas internacionais e à competição de filmes portugueses. A intenção, diz Serge Tréfaut, é encontrar um espaço para os filmes sobre questões de actualidade e documentários de investigação cujo cariz mais jornalístico lhes dá, às vezes, segundo o olhar de certos puristas, uma menor dignidade como documentário — mesmo se são muitas vezes os títulos que despertam maior atenção do público. Para esses, então, uma competição à parte (a programação destas secções será anunciada em Setembro).

Nos prémios, outra das ino-

vações. Haverá mais dois na lista do DocLisboa, além dos que distinguirão a melhor longa, o melhor filme português (o valor foi aumentado) ou para as primeiras obras: o Prémio DocLisboa-Grande Reportagem, precisamente para a secção Investigações, e o Prémio DocLisboa-Atalanta Filmes, que fará estrear em sala o melhor filme português.

Temas e acontecimentos para Outubro de 2005 na Culturgest: *Nacionalismo, Indentidades e Fronteiras* é o módulo temático, como o Médio Oriente foi em 2004; documentário russo pós-soviético é a incidência geográfica deste ano (Espanha foi no ano passado). *Master-classes* com Ross McElwee e Raymond Depardon; ou Sessões Especiais, com filmes de gigantes do documentarismo ou obras cujo impacto ou importância as coloca além da competição: é o caso de *The 3 Rooms of Melancholia*, o documentário da finlandesa Pirjo Honkasalo sobre as crianças da Tchetchénia.

Ao colocar em contraponto as crianças de uma escola militar russa e os miúdos da ruínas de Grozny, *The 3 Rooms of Melancholia* coloca-se ao lado da causa

tchetchena (a cineasta viveu três anos na Tchetchénia, que ela diz ter sido "abandonada" pela imprensa internacional), mas não se reduziu a uma arma de militância. "Fiz este filme", disse a realizadora, "para mostrar a inocência infantil a preparar-se para ser outra coisa, um adulto que sentirá ódio, que achará entusiasmante fazer a guerra, matar." Honkasalo trabalhou imagens, sons e música como comentário, como suspensão poética, de uma forma que nem sequer corresponderá a uma ortodoxia documental e que certamente fará dele um dos títulos mais polémicos do festival.

O outro — já comprado para distribuição comercial — é *Darwin's Nightmare*, premiadíssimo documentário de Hubert Sauper, filmado nas zonas dos Grandes Lagos, África, onde a indústria da pesca e das armas, os conflitos armados e as epidemias fizeram (Sauper vai pela alegoria) do berço da Humanidade o Coração das Trevas, com pescadores locais, agentes da banca mundial, crianças *homeless*, ministros africanos, comissários da União Europeia, prostitutas africanas e pilotos de avião russos. ■

Ross McElwee e Raymon Depardon em Lisboa

Vai ser o encontro do público com dois notáveis. Depois do *coup de foudre* chamado *Bright Leaves* (2003), saga familiar, inquérito sobre Hollywood e sobre tabaco, demanda sobre os mitos de um território, o Sul americano, de onde Ross McElwee é originário, vamos poder continuar a descobrir um cineasta de 58 anos que faz do seu percurso afectivo a sua obra — filmes como *Sherman's March* (1986), por exemplo, em que seguindo o percurso do ge-

neral Sherman pelo Sul americano, durante a Guerra Civil, McElwee filma as suas próprias "invasões" amorosas, faz o seu épico intimista. A obra de Raymond Depardon, 63 anos, cineasta, fotógrafo, é mais conhecida — já que tem estado nos festivais de documentário; é um dos incontornáveis — mas é raro aparecer pessoalmente, por isso é um acontecimento esta visita a Lisboa, com o seu último filme, *Profilis Paysans: le quotidien* (2005).



Ross McElwee



Raymon Depardon